



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social

Sub-eixo: Trabalho e expressões da questão social

A SUPEREXPLORAÇÃO DO TRABALHO NOS FRIGORÍFICOS: DOENÇAS LABORAIS, DEPENDÊNCIA, NA PANDEMIA DE COVID-19.

ALCIDES PONTES REMIJO ¹

RESUMO

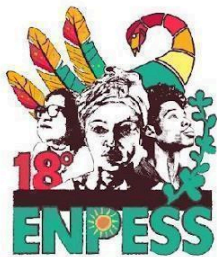
O artigo pretende abordar a atualidade da e demonstrar como após pandemia Covid-19 aprofunda a superexploração dos trabalhadores em Frigoríficos. Para comprovar a hipótese será analisado as leis gerais de desenvolvimento capitalista tendo sua especificidade de sua objetivação na periferia do capitalismo Latina Americana, a partir da Teoria Marxista da Dependência. Segundo Marine (2008) na América Latina ocorre uma superexploração dentre o complexo dessa é a diminuição da vida útil da força de trabalho seu desgaste prematuro e um pagamento abaixo do valor da força de trabalho.

Palavras Chave: Superexploração, Lei Do Valor, Frigoríficos, Dependência, Pandemia.

SUMMARY

The article aims to address the actuality of and demonstrate the super-exploitation of workers in meatpacking plants from the pandemic period onwards. To prove the hypothesis, the general laws of capitalist development will be analyzed, having their specificity of their objectification in the periphery of Latin American capitalism,

¹ Universidade Federal de Goiás



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

from the Marxist Theory of Dependence. According to Marine (2008) in Latin America, there is an overexploitation among the complex that is the reduction of the useful life of the workforce, its premature wear and a payment below the value of the workforce.

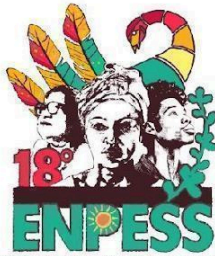
Keywords: Overexploitation, Law of Value, Refrigerators, Dependence, Pandemic.

I – INTRODUÇÃO

O artigo “A superexploração do trabalho na pandemia: doenças laborais, dependência, na pandemia de COVID-19” pretende expor determinações do mundo do trabalho na atual conjuntura capitalista de precarização estrutural das formas de contratação de força de trabalho, a partir do debate da saúde da classe trabalhadora, em especial contrata pelos frigoríficos.

A problematização teórica dos estudos da saúde da classe trabalhadora possui uma gama de abordagens teóricas sobre o tema, destacando-se quatro grandes grupos: um vinculados à teoria crítica, que se manifesta na saúde coletiva sob uma abordagem marxista ou que com ela dialogue de alguma forma, e os outros três grupos: higienistas, que compreendiam que dar ao ambiente de trabalho condições de higiene seria suficiente para impedir as doenças, seja no ambiente doméstico, seja no ambiente de trabalho; os moralistas, que inspirados na sociologia positivista, pensavam que a questão do adoecimento do trabalhador era uma questão de foro íntimo subjetivo, portanto, a educação, no sentido de orientar, bastava para impedir o processo de adoecimento; e alienistas, que atuavam na busca do enquadramento da classe operária a padrões de comportamento que provocassem uma diminuição em suas condições de vida. Quando o movimento operário saía de sua normalidade, o Estado buscava a repressão como forma de criar a normalidade das ações. Note que as últimas três correntes de saúde no trabalho buscam um enquadramento da classe trabalhadora ao ambiente de trabalho de forma acrítica. A perspectiva que será apresentada se refere à primeira (Dejours, 2013, p. 17).

Compreendendo que esse objeto de estudo só pode ter o trato científico correto se apanhar na realidade as múltiplas determinações do objeto, que, no caso do estudo da saúde do trabalhador, são as condições biofísicas os agentes de agravo à saúde, como ambientes de calor, frio, partículas de fragmentos da produção dissipado no ar, entre outros agentes nocivos, deve se somar a compreensão das determinações sociais de produção. Essas condições, internas à



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

divisão do trabalho no setor produtivo, que são organizadas pelas empresas, podem levar a criar doenças laborativas devido a posição, a repetição de movimentos, fragmentação de uma atividade.

A atual conjuntura da sociedade capitalista decorre de mudanças significativas consolidadas no mundo do trabalho entre o fim dos anos sessenta e início dos anos setenta do século passado, quando, face à crise internacional do petróleo que se instaurou à época, substituiu-se o modelo de acumulação baseado na produção *taylorista/fordista*, sob a égide do Estado de bem estar social, pelo de acumulação flexível, o qual, segundo Antunes (2020, p. 223) se referenciando em Mészáros, assevera que a crise do petróleo de 1973 foi a manifestação da crise estrutural do capital sob a forma capitalista. A nova forma de organização do trabalho resultou na substituição do modelo fordista pelo *toyotista*, coincidindo com o processo de afirmação das políticas neoliberais no Estado “nacional”. Na atualidade está em transição para uma mudança de organização do trabalho que aprofunda tendências *toyotistas*, do trabalho precário que se manifesta no que ficou conhecido *uberização*. No que toca aos frigoríficos, seja bovinos, suínos e de aves, há ainda uma estrutura fordista, o trabalho parcelar, aquele realizado um(a) trabalhador(a) retira uma peça do animal enquanto outro(a) trabalhador(a) retira outra peça. A pouca terceirização externa, típica do *toyotismo* e o trabalho polivalente é residual nos frigoríficos. O *toyotismo* foi absorvido neste ramo produtivo, o qual mescla a estrutura do trabalho fordista com métodos toyotistas que “estimulam” o aumento de produtividade da força de trabalho, aquilo que Alves (2005, p. 260) denomina como captura da subjetividade operária frente ao capital, como, por exemplo, a aplicação do “5Ss”

Essas novas formas de organização do trabalho no capitalismo se tornam possíveis após a *terceira revolução industrial*¹, com a possibilidade de um maior controle sobre força de trabalho, tendo como resultado o aumento da produção industrial, agrária e de serviços. Esses novos índices de produtividade acarretaram para a classe trabalhadora novas situações e condições de trabalho, que ocasionaram um aumento demasiado da incidência de doenças relacionadas à atividade laborativa, como o *STRESS*, a *LER* (Lesão por Esforço Repetitivo) e o *DORT* (Distúrbios Osteomusculares Relacionados ao Trabalho). A partir expor as tendências universais da lógica do capital no capitalismo, aproximamos do nosso objeto de pesquisa que apresentamos como elementos do mundo do trabalho, em precarização estrutural (ANTUNES, 2020), ainda não

¹ O debate sobre o atual momento das forças produtivas no capitalismo, há autores que apontam que com a nanotecnologia, o auto grau de robotização, com desenvolvimento da *softwares* conhecidos como inteligência artificiais, capaz de resolver problemas que não estão previamente formatados, poderíamos estar na quarta revolução industrial.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

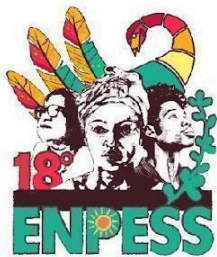
permite compreender como em meio a pandemia se mantém uma produção onde o contágio para a COVID 19 é altamente disseminado. Será preciso compreender como o capitalismo brasileiro é organizado na atualidade e em meio a pandemia. Do século XX até os dias atuais o Brasil vem conquistando mercado mundial de *commodities*, em especial o agronegócio e a extração de minérios, como inserção subalterna típica do capitalismo dependente (Florestan, 2005) ou do subimperialismo (MARINI, 2011). A conquista de mercados com a venda de *commodities* em preços atrativos não ocorre somente pela elevação das forças produtivas, mas também com a intensificação dos ritmos de trabalho e a extensão da jornada de trabalho nos frigoríficos.

Desta forma, vamos expor primeiramente o debate acerca do atual cenário do debate da saúde dos(as) Trabalhadores(as), para particularizar situação dos frigoríficos nos bovinos, e posteriormente problematizá-lo através da crítica da economia política, vinculando o Universal (das determinações da crise estrutural do capital no capitalismo) ao Particular (das objetivações do capital no Brasil), em meio a pandemia que promove uma degradação da força de trabalho. Ao debater a saúde do trabalhador será necessário enfrentar teoricamente que em locais como os frigoríficos os(as) trabalhadores(as) que adoecem de COVID-19 devem ser considerados(as) como doenças ocupacionais.

II A PRODUÇÃO FRIGORÍFICA EM MEIO A PANDEMIA.

O setor frigorífico vem se destacando de longa data nas exportações de *commodities*, o que pode ser constatado tanto com índices de exportação quanto com o índice de consumo nacional de carnes. A elevação da competitividade no setor de frigoríficos é o resultado, da especialização da economia brasileira focada em produção e exportação de *commodities*, que possibilitou um desenvolvimento de técnicas mais desenvolvidas, de criação, engorda e abate, desenvolvimento ocorrido através de incentivos estatais pela competitividade do capital, por exemplo, o papel da Embrapa no melhoramento genético do rebanho bovino, na criação de frangos e suínos.

Notadamente na segunda metade da década de 1990, os frigoríficos brasileiros obtiveram ganhos de produção, contudo, na virada dos anos 2000, o ganho de produtividade encontrou seu alicerce nas exportações. Observando as estatísticas o IBGE, no primeiro trimestre de 1997 foram abatidos 782.228.696 cabeças de gado, enquanto que no segundo trimestre de 2020 foram abatidas 1.879.431.209 cabeças de gado, um aumento de 140.3%, correspondendo à um



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

crescimento de 3.22% ao ano². Para ilustrar, a população brasileira em 1997 era de 167.2 milhões de habitantes, enquanto que em 2020 a marca seja de 211.775.692 habitantes, ou seja, um aumento de 26.66%³. O destino da produção frigorífica aumentou sua participação nas exportações, chegando ao segundo lugar no ranking das exportações brasileiras em 2006 com a venda de carne bovina, de frangos e de suínos, cuja cifra foi de US\$ 8,6 bilhões — um aumento de 5,5% em relação a 2005 (REMIJO & LARA, 2012: 109). Nesse sentido, podemos observar que mesmo em meio à pandemia a exportação de carnes bovinas avançou em relação ao ano passado:

As exportações brasileiras de carne bovina (*in natura* e processada) cresceram 9% no primeiro semestre de 2020, a 909.725 toneladas, em relação a igual período de 2019, informou a Associação Brasileira de Frigoríficos (Abrafrigo) nesta segunda-feira (6). Na receita, houve um salto de 26%, para US\$ 3,9 bilhões. Somente em junho, o Brasil vendeu 172.361 toneladas, uma alta de 28% contra igual mês de 2019 e uma quantidade recorde para o período⁴.

As exportações do primeiro semestre de 2019 ocorreram dois meses e meio antes de ser decretado o isolamento social no Brasil, que, a depender da região do país, se deu entre a segunda quinzena de março e primeira quinzena de abril. Com o avanço da pandemia em boa parte do mundo, o processo de distanciamento social implicou a paralização de inúmeras atividades econômicas com vistas a impedir a aglomeração⁵. Contrariando a tendência de retração da economia, as exportações do setor de carne bovina aumentaram. Dados comprovam o aumento das exportações:

Levantamentos da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) mostram que as exportações brasileiras de carne suína (considerando todos os produtos, entre *in natura* e processados) totalizaram 98,5 mil toneladas em agosto. Com este número, os embarques do setor superam em 89,2% o volume registrado no mesmo mês de 2019, com 52 mil toneladas. A receita em dólar do setor também é positiva, com US\$ 209,2 milhões, número que supera em 90,7% o saldo obtido no mesmo período de 2019, com US\$ 109,7 milhões. No saldo do ano (janeiro a agosto), as vendas de carne suína totalizaram 678,3 mil toneladas, volume 44,37% superior ao registrado no mesmo período do ano passado, com 469,8 mil toneladas. No mesmo período, a receita de exportações totalizou US\$ 1,488

² Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/economicas/agricultura-e-pecuaria/9203-pesquisas-trimestrais-do-abate-de-animais.html?=&t=series-historicas> acessado no dia 15 de setembro de 2020 às 18:57.

³ Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=o-que-e> acessado no dia 15 de setembro de 2020 às 19:23.

⁴ Disponível em <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2020/07/06/exportacao-brasileira-de-carne-bovina-sobe-9percent-n-o-1o-semester.ghtml> Acessado no dia 03 de setembro de 2020 às 14:45.

⁵ Disponível em <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/populacao/9662-censo-demografico-2010.html?=&t=o-que-e> acessado no dia 15 de setembro de 2020.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

bilhão, número 54,5% superior ao registrado no mesmo período de 2019, com US\$ 963,2 milhões⁶.

Ao observar o relatório da Associação Brasileira de Proteína Animal nota-se que em meio à retração de 6.5% da economia ocorre um aumento nas exportações. Será necessário apresentar como as maiores empresas do setor de frigoríficos no Brasil, continuam a manter seus índices de produtividade e de lucratividade, expondo a força de trabalho ao Covid 19.

A JBS Friboi, uma das líderes de produção de carne no Brasil, atuante nos ramos de carnes bovinas, suínas e frangos, nos últimos 20 anos adquiriu várias marcas, das quais se destaca a Seara. Os dados dos lucros, na citação abaixo podemos observar a lucratividade da maior empresa brasileira de proteína animal:

A JBS, uma das maiores produtoras de carne do Brasil, encerrou o segundo trimestre de 2020 com lucro líquido de R\$ 3,379 bilhões, ou R\$ 1,27 por ação, valor 54,8% maior do que o lucro de 2,183 bilhões verificado no mesmo período de 2019, informou a empresa nesta quinta-feira, 13. A receita líquida ficou em R\$ 67,582 bilhões, aumento anual de 32,9%.⁷

A outra marca que hegemoniza a produção de carnes é a BRF Foods, empresa que resultou da fusão das marcas Perdigão e Sadia e recentemente adquirida suas ações majoritárias pela Marfrig com foco na produção de aves e suínos. Em 2020,

A BRF registrou lucro líquido de R\$ 307 milhões no segundo trimestre de 2020, uma queda de 5,5% em relação ao mesmo período de 2019. Se contadas somente as operações continuadas da companhia, o lucro teve aumento de 60,8% na comparação anual. A receita líquida da BRF no trimestre fiou em R\$ 9,104 bilhões, crescimento de 9,2% em relação ao período entre abril e junho do ano passado⁸.

Nesse sentido, o aumento da lucratividade do setor vai na contramão da projeção do FMI (Fundo Monetário Internacional) de recuo de 6% para a economia global e, ainda na mesma reportagem supra citada, de 10,2% em relação a 2019 para o Brasil.

3 – Produção frigorífica e acidentes e doenças do trabalho

Ao debater saúde da classe trabalhadora e trabalho (alienado/estranhado) a partir da tradição marxista, é importante estabelecer a relação ontológica entre reprodução societal e trabalho, atividade genuinamente humana genérica que estabelece o intercâmbio orgânico entre a

⁶ Disponível em <https://abpa-br.org/exportacao-de-carne-suina-cresce-545-em-2020/>. Acessado no dia 15 de setembro de 2020 às 20.26.

⁷ Disponível em <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/08/13/jbs-registra-lucro-liquido-de-r-3379-bilhoes-no-2-trimestre-alta-de-548.htm#:~:text=A%20JBS%2C%20uma%20das%20maiores,nesta%20quinta%2Dfeira%2C%2013.>

Acessado no dia 04 de setembro de 2020 às 18:51

⁸ Disponível em <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2020/08/12/brf-tem-lucro-liquido-de-r-307-milhoes-no-2-trimestre-queda-de-55.htm#:~:text=A%20BRF%20registrou%20lucro%20l%C3%AAdquido.%2C8%25%20na%20compara%C3%A7%C3%A3o%20anual.> Acessado no dia 04 de setembro de 2020.

humanidade e a natureza, e, a partir dessa relação, constituir um sociometabolismo (MESZÁROS 2010) em que natureza e sociedade se transformam mutuamente.

O surgimento do sociometabolismo do capital se dá após a reprodução social ser permeada necessariamente pela propriedade privada, Estado e trabalho (estranhado), o que segundo Mézaros (2010, p. 35) é anterior ao capitalismo e se manteve nas sociedades pós-revolucionárias, países que pertenceram o que ficou conhecido como socialismo real. A partir do surgimento histórico, do sociometabolismo do capital, a relação entre reprodução social e trabalho se torna ainda mais contraditória, os seres humanos estabelecem com o trabalho a aversão a essa atividade em especial devido a degradação.

O desgaste prematuro da força de trabalho na gênese é uma temática que não é alheia à teoria social crítica. Podemos observar em Engels, em sua magistral obra “A situação da classe trabalhadora na Inglaterra”, a preocupação em evidenciar as condições insalubres da classe trabalhadora. Para demonstrar como a degradação do trabalho é um elemento ontogenético do capital podemos citar Marx em “O Capital” quando estuda os impactos da indústria na classe trabalhadora.

O desenvolvimento das forças produtivas aumenta a riqueza social. A partir dessa constatação ontológica pode-se chegar à conclusão de que o desenvolvimento de novas tecnologias pode resolver a contradição entre saúde dos trabalhadores e produção capitalista. No entanto, o que observamos é que passados mais de 243 anos depois da invenção da máquina a vapor de James Watts, as doenças do trabalho ainda estão presentes no mundo do trabalho. Agora, busquemos debater as doenças do trabalho, acidentes e mortes como uma epidemia contemporânea. As mutilações, as mortes e os afastamentos permanentes por impossibilidade de trabalhar, seja por doenças relacionadas ao trabalho, como LER/DORT ou distúrbios psíquicos, poderiam ser comparados a uma guerra. Alguns dados podem nos auxiliar na argumentação sobre a nocividade do trabalho estranhado utilizado pelo capital.

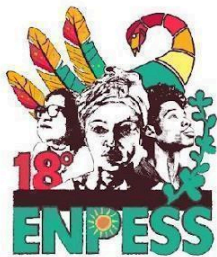
Segundo a Organização Internacional do Trabalho, a cada 15 segundos um trabalhador morre em razão de acidente ou doença do trabalho. A cada 15 segundos, 160 trabalhadores são vítimas de acidentes relacionados ao trabalho. Todos os dias, 6,300 pessoas morrem em decorrência de acidentes de trabalho ou doenças relacionadas ao trabalho – mais de 2.3 milhões de mortes por ano. Mais de 337 milhões de acidentes ocorrem no trabalho anualmente; muitos deles resultando em ausências prolongadas do trabalho. O custo humano dessa adversidade diária é vasto e o ônus econômico de práticas inadequadas de segurança e saúde ocupacional é estimado em 4% do Produto Interno Bruto global a cada ano. As condições de segurança e saúde no trabalho são muito diferentes entre países, setores econômicos e grupos sociais. Mortes e feridos têm um impacto particularmente alto nos países em desenvolvimento, onde uma grande parte da

população está envolvida em atividades perigosas como agricultura, pesca e mineração. Em todo mundo, os mais pobres e menos protegidos – muitas vezes mulheres, crianças e migrantes – estão entre os mais afetados⁹.

Ao aprofundar no objeto analisado, determinando a particularidade do processo antagônico entre saúde das classes laboriosas e a produção frigorífica será demonstrado como ocorre o processo de adoecimento da força de trabalho, essa não difere em larga medida da produção de outras produções industriais, mas, ao contrário da produção de um automóvel, que é montado, os animais após o abate são desmontados.

A estrutura física dos frigoríficos bovinos e suínos se assemelha desde o curral, onde os animais são desembarcados limpos e direcionado para o abate. No frigorífico de aves os animais são presos pelas patas a uma esteira que os levará ao processo de depenagem. O abatedouro no setor suíno e de bovino é um local normalmente quente e escorregadio. Após o abate e a retirada das vísceras, que serão separadas das partes de valor comercial, como fígado, coração, tripas etc., é iniciada a desossa, que consiste na separação da carne do esqueleto e repartição das partes dos animais, no caso de bovinos e suínos para a futura desossa. As características da produção na desossa é um o trabalho intenso, repetitivo, estressante e o ambiente muito frio. Parte da produção após a desossa os melhores cortes ou pedaços são embalados e destinados ao estoque. Agora vamos expor como é o trabalho no setor de processamento de alimentos, ou a indústria propriamente dita. Os locais de processamento de alimentos compreendemos como produtos industrializados os alimentos embutidos ou alimentos prontos, chamada de salas, em muitos desses locais é característico local quente, por cozinhar os produtos industrializados, ou as máquinas para realizar a mistura das carnes acabam por aquecer o ambiente por isso insalubre para força de trabalho. Em seguida, a produção será ou embarcada ou levada aos estoques. Além do setor produtivo, há setores fundamentais para manutenção da produção, como a mecânica e as caldeiras, assim como setores como refeitório, escritório e comercialização (compra e algumas vezes centralização de vendas). As más condições de trabalho nos frigoríficos extrapolam o local insalubre e o trabalho que é extenuante e repetitivo. A contradição aparece no caso da saúde do trabalhador, ao observar os dados estatísticos gerais não podemos concluir que há um processo de adoecimento em frigorífico, para tanto é preciso realizar uma aproximação com o objeto de pesquisa, que é a saúde dos trabalhadores em frigoríficos. Alguns dados do trabalho em frigoríficos podem nos ajudar a observar uma tendência de acidentes e adoecimento do trabalho:

⁹ Disponível em <http://www.tst.jus.br/web/trabalhoseguro/acidentes-de-trabalho-no-mundo> acessado no dia 11 de setembro de 2020.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

De acordo com o MPT, estudos realizados pelo Programa de Reabilitação Ampliado da própria BRF Brasil Foods, em outra unidade, a de Videira, mostram: 68,1% dos empregados do setor de aves sentem dores causadas pelo trabalho; 65,31% dos empregados do setor de suínos sentem dores causadas pelo trabalho; 61,79% dos empregados estabelecem relação entre a dor e o trabalho desenvolvido na área de aves; 70,89% dos postos precisam de intervenções ergonômicas no setor de aves; 95,5% dos postos precisam de intervenções ergonômicas no setor de suínos; 30,24% dos empregados manifestaram dormir mal no setor de aves e 33,18% no setor de suínos; 49,64% dos empregados manifestaram se sentir nervosos, tensos ou preocupados no setor de aves e 50,43% no setor de suínos; 12,26% dos empregados manifestaram que alguma vez pensou em acabar com a sua vida no setor de aves; 13,46% dos empregados manifestaram que alguma vez pensou em acabar com a sua vida no setor de suínos; Cerca de 20% de toda a mão de obra em frigoríficos vem sendo acometida de doenças ocupacionais. (REMIJO 2013 p.82/83).

A partir da citação acima, observa-se que os índices de LER e DORT estão acima da média da possibilidade de acometimento da maioria das ocupações, chegando a ser próximo de 75% em frigoríficos de aves. Traumas e queimaduras chegam a ser 6 vezes maiores. Ainda que em menor proporção do que os frigoríficos de aves, os índices para o trabalho em frigoríficos de suínos e bovinos também são altos, como pode-se observar em denúncia feita ao Ministério do Trabalho de Barretos: “De acordo com o órgão federal, dos aproximadamente 1.850 funcionários da empresa, 14% estão permanentemente afastados do trabalho devido a acidentes – e sobrevivem graças ao benefício pago pelo Instituto Nacional do Seguro Social” (INSS) (Remijo, 2013, p. 60).

Esses dados de adoecimento do trabalho resultaram na regulamentação da NRs (Normas Regulamentadoras de Saúde e Segurança do Trabalho), em especial na criação da NR 36 em abril de 2013. Contudo, podemos observar que os acidentes e adoecimentos do trabalho continuam neste setor:

A indústria frigorífica está no topo do ranking de acidentes de trabalho do ramo alimentício. São registradas 54 ocorrências, em média, por dia. Em 2017, foram 20.595 acidentes nesses locais, um aumento de 7,90% em relação a 2016. Os maiores riscos envolvendo esse tipo de atividade estão relacionados ao abate, corte e armazenagem das carnes, englobados em diversas tarefas do dia a dia, como manuseio de equipamentos pesados e cortantes, ritmo acelerado de trabalho, exposição à umidade e a baixas temperaturas e os choques térmicos. Os números, no entanto, poderiam ser menores, caso houvesse gestão de riscos ocupacionais, foco da Campanha Nacional de Prevenção de Acidentes de Trabalho (Canpat) 2019, lançada em 03 de abril¹⁰.

Após a pandemia do Coronavírus (COVID-19), além das doenças ocupacionais típicas dos frigoríficos há também a disseminação do Coronavírus (COVID-19) em meio a produção frigorífica. O Coronavírus compõe uma linhagem de vírus que já era encontrada em animais como camelos,

¹⁰ Disponível <https://revistacipa.com.br/frigorificos-registram-media-de-54-acidentes-por-dia/> acessado no dia 10 de julho de 2020.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

gado, gatos e morcegos. Apesar que em 2003 um surto pelo Sars-Cov3, vírus da mesma família do Coronavírus, a infecção em seres humanos era considerada raridade, fato que se alterou no final do ano passado quando em Wuhan, na China, foram identificadas transmissões em pessoas. O Coronavírus provoca uma Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) em 5% dos casos, em média, e sua alta letalidade está vinculada à grande capacidade de transmissão em relação a outros vírus que provocam doenças respiratórias. Para ilustrar, o Brasil, no dia 05 de abril de 2022, soma 30.012.572 milhões de infectados e 661.160 mil mortos.

Os frigoríficos são considerados indústrias essenciais de gêneros alimentícios, suas atividades, a depender do entendimento das prefeituras e dos estados, podem ou não ser exercidas. As indústrias frigoríficas têm como característica física comum um local refrigerado artificialmente, propício para qualquer vírus causadores de doenças respiratórias se disseminar.

A organização do trabalho nos frigoríficos, mescla uma a captura da subjetividade operária típica do toyotismo (ALVES 2006 p. 65), com a estrutura física ainda fordista: o operário massa, um frigorífico de grande porte emprega, em média 2.000 trabalhadoras e trabalhadores, e com a esteira de produção, em frigoríficos se utiliza a esteira ou nória (uma esteira que leva o gado e o porco para desossa), essa forma de organização de trabalho aglomera uma quantidade elevada de trabalhadores em mesmo local. Essas características tornam o local privilegiado a para disseminação do Coronavírus entre estes trabalhadores.

O processo de adoecimento do trabalho estranhado é sob a égide do capitalismo se torna o movimento predominante. Os frigoríficos não fogem à regra desse processo. Contudo, podemos observar que há uma generalização da contaminação desta doença nos trabalhadores.

Um frigorífico da BRF e outro da JBS têm relação direta com até metade dos casos de coronavírus em algumas das cidades mais afetados pela pandemia em uma região do estado de Santa Catarina, afirmam o MP-SC (Ministério Público) e o MPT (Ministério Público do Trabalho). Os estabelecimentos das duas multinacionais empregam, juntos, cerca de 6.500 habitantes do Alto Uruguai, no oeste catarinense. A região tem aproximadamente 150 mil habitantes divididos em 14 municípios¹¹

Em Rio Verde, no sudoeste do estado de Goiás, um frigorífico foi fechado por conta da intensidade do contágio do Covid-19. A prefeitura de Rio Verde expediu um decreto determinando a suspensão da produção da BRF em seu município, do dia 09 de junho 2020 até o dia 21 de junho de 2020. O documento publicado determina que em caso de desobediência, a BRF sofrerá

¹¹ Disponível em .. - Veja mais em

<https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2020/05/28/covid-19-brf-e-jbs-viram-polo-de-contaminacao-em-regiao-mais-afetada-de-sc.htm?cmpid=copiaecola> acessado no dia 10 de junho de 2020.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

multa administrativa no valor de R\$ 100 mil¹². Para tentar manter a produção e diminuir a contaminação a BRF realizou exames toda força de trabalho e o resultado foi que mais de 8 mil funcionários testaram positivo para o coronavírus¹³ e estavam a maioria assintomática. Após os casos multiplicarem nos frigoríficos em Rio Verde, e o fechamento da empresa temporariamente, se disponibilizou em realizar exames previamente.

Os casos se espalham por todo o Brasil, em Concorde, cidade do oeste catarinense com uma população de 74,6 mil habitantes, estudos realizados pela secretaria de saúde do município apontam que metade dos casos são de trabalhadores (as) dos Frigoríficos¹⁴. A cidade de Lajeado, no Rio Grande do Sul, buscou outras formas de manter a produção e diminuir a contaminação do COVID-19, assim determinou que a unidade frigorífica deve produzir com 50% da força de trabalho por duas semanas. Além disso,

Passo Fundo, que contabiliza pouco mais de 200 mil habitantes, está "empatada" com Porto Alegre em número de mortes causadas pela covid-19 - foram 18 até o dia 11/05. O volume de casos é cerca de metade (267) do registrado na capital (529), mas, por se tratar de um município menor, a incidência é bem mais elevada: são 135,7 casos a cada 100 mil habitantes, ante 35,8 a cada 100 mil habitantes na capital¹⁵.

As cidades que possuem frigoríficos, como uma das principais empregadoras da força de trabalho, ocorrem que em proporções entre habitantes e pessoas que se infectaram por COVID-19 maiores ou equivalente as que cidades que não tem os frigoríficos como principal atividade econômica do município. Rio Verde, no dia 05 de abril de 2022, registrava 41.519¹⁶ casos para uma população estimada de 247.259 habitantes, assim, a proporção entre casos confirmados para Covid-19 e o número de habitantes é de um caso de COVID-19 para cada 5,96 habitantes; Goiânia, capital do estado, registrava 306.460 casos em sua população de 1.555.626 habitantes, uma proporção de um caso a cada 5,07 habitantes. Em Goiânia¹⁷ os dados de contaminação por habitante superaram de Rio Verde, em especial, na onda da omicron, onde as restrições foram mais brandas em relação ao fechamento de comércio e outras atividades. Ademais um esquema de testagem em larga escala foi realizado onde mais de 1.000 pessoas

¹² Disponível em <https://www.rioverde.go.gov.br/wp-uploads/2020/06/Decreto-n.-1.193-2020-Enfrentamento-da-covid-19.pdf> acessado no dia 15 setembro de 2020 as 20:47.

¹³ Disponível em <https://sagresonline.com.br/prefeitura-suspende-atividades-de-frigorifico-em-rio-verde-por-causa-do-coronavirus/> acessado no dia 10 de junho de 2020.

¹⁴ Disponível em <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2020/05/08/trabalhadores-de-frigorificos-sao-mais-da-metade-do-numero-de-casos-de-covid-19-no-oeste-de-sc.shtml> acessado no dia 04 de abril de 2022 acessado as 12:30.

¹⁵ Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52643096> Acessado no dia 07 de abril de 2022 acessado as 13:30.

¹⁶ Disponível em <https://www.rioverde.go.gov.br/coronavirus/> acessado em 19 de abril de 2022.

¹⁷ Disponível em <https://saude.goiania.go.gov.br/goiania-contra-o-coronavirus/> acessado em 19 de abril de 2022.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

eram testadas diariamente durante o surto da omicron, o que aumentou forma significativa os casos detectados, ademais a aglomeração em transportes públicos nas metrópoles aumentou há época a disseminação do vírus.

Em Santa Catarina, onde a produção frigorífica é expressiva na produção de suínos e aves, registrava na cidade de Concordia¹⁸, no dia 6 de abril de 2022 foi de 29.296 casos de Covid-19 para uma população de 75.167, ou seja, um caso positivado para Coronavírus para cada 2,57 habitantes; por outro lado, Florianópolis¹⁹ registrava 159.143 casos para uma população de 508.826, um caso para cada 3,19 habitantes.

Em Passo Fundo, no dia 06 de abril de 2022 possuía 57.945 casos de COVID-19 com uma população 206.103 ou seja um caso há 3.56 habitante enquanto Porto Alegre, no dia 26 de setembro, temos 259.904 casos de COVID-19 para uma população de 1.492.530, ou seja um caso de COVID-19 para cada 5,74 habitante. Em Barretos²⁰ no dia 05 de abril de 2022 observamos que foram diagnosticados 29.194 casos com uma população de 122.833 com uma proporção de um caso de COVID-19 em 4,20 habitantes, na capital paulista São Paulo²¹ (SP) foram confirmados 1.912.823 casos população estima de 12.396.372 habitantes, com isso observa que temos um índice de contaminação por habitante de um caso a cada 6,48 habitantes. Observando que cidades que tem o polo frigorifico tem mais incidência de casos por habitantes que nas capitais.

A nossa hipótese é de subnotificação no setor de frigoríficos bovinos e demais setores da produção frigorifica se confirma. Pois a pesquisa realizada pela Fundacentro, se baseiam no CNAE 10.1, mesma categoria utilizada na pesquisa que realizamos na base de dados da RAIS. Os dados obtidos pela pesquisa podem ser observados na citação abaixo:

Com base nos dados do observatório do Smart-lab, verifica-se que em 2020, os afastamentos pelo INSS, por grupos de CIDs que passaram a ser utilizados para registro da COVID-19, ou seja, os grupos B34 (doenças por vírus de localização não especificada) e U07 (COVID-19), sendo este último criado na pandemia especificamente, cresceram bastante. Para se ter uma ideia, considerando os benefícios auxílio-doença acidentário (B91) para todos os setores da economia, considerando a série histórica de 2012 até 2019, foram registrados 113 casos de afastamentos pelo grupo de CID B34, já em 2020 este número passou para 20.797 relativos aos CIDs B34 e U07 (Smart-lab).

¹⁸ Disponível em <https://concordia.atende.net/> acessado em 19 de abril de 2022.

¹⁹ Disponível em <https://covidometrofloripa.com.br/> acessado dia 19 de abril de 2022 as 21:31

²⁰ Disponível em <https://www.facebook.com/photo/?fbid=347238624104778&set=a.337918941703413> acessado dia 19 de abril de 2022 as 21:31

²¹ Disponível em https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/vigilancia_em_saude/index.php?p=295572 acessado dia 19 de abril de 2022 as 21:31

Os autores confirmam a hipótese de superexploração pela degradação da força de trabalho durante a pandemia.

III A CRÍTICA DA ECONOMIA POLÍTICA: A SAÚDE DO TRABALHADOR - DA APARÊNCIA À ESSÊNCIA.

Ao longo do artigo é asseverado que o processo de adoecimento e de acidentes do trabalho tem determinações sociais que extrapolam o que chamamos de “Estado de Acidente”. Para realizar o sociometabolismo com a natureza, os seres humanos devem transformar as propriedades naturais em valores de uso, isso significa que para o trabalhador de uma usina de aço é preciso estar presente em ambientes quentes, o que não significa, no entanto, que deve fazer isso 8 horas por dia, ou 44 horas por semana, portanto, para atividades de grande desgaste e periculosidade pode e deve por uma ação racional ter menos horas de trabalho.

As personificações do capital, os capitalistas, não têm a menor consideração sobre os problemas gerados pelas doenças do trabalho. A classe detentora dos meios de produção posiciona-se mediante essa contradição quando a classe trabalhadora lhe impõe restrições a sua degradação, ou quando torna prejuízo. Por exemplo: a falta de força de trabalho especializada em determinado ramo pode diminuir a produção, ou que a diminuição da superpopulação relativa diminuía e o processo imigratório não faça essa “correção” para o capital, neste momento há uma tendência do capital aceitar momentaneamente exigir um prolongamento da “vida útil da classe trabalhadora”. Os clássicos do marxismo, em seus escritos estiveram atentos a essa dinâmica, Marx (2008 p. 306):

Fica desde logo claro que o trabalhador, durante toda a sua existência, nada mais é que força de trabalho, a ser empregado no próprio aumento do capital. [...] Mas, em seu impulso cego, desmedido, em sua voracidade por trabalho excedente, viola o capital os limites extremos, físicos e morais, da jornada de trabalho. Usurpa o tempo que deve pertencer ao crescimento, ao desenvolvimento e à saúde do corpo.

O capitalista tem como objetivo encontrar aplicação do capital onde há maior taxa de lucro, mesmo que seja exaurindo a força de trabalho. À queixa sobre a degradação física e mental, a morte prematura, o suplício do trabalhador levado até a completa exaustão, os capitalistas respondem: “Por que nos atormentarmos com esses sofrimentos, se aumentam nosso lucro!” (MARX 2008 p.293/294).

A luta de classes é motor do desenvolvimento capitalista, não obstante o salto qualitativo da produção capitalista ocorreu após as primeiras leis fabris que delimitavam a jornada de trabalho. Além do desejo da classe capitalista de obter um excedente econômico mais amplo, obtendo a mais-valia-extraordinária, ou uma superacumulação, obtendo taxas de lucro acima das



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

taxas média global, são elementos que intensificam a produtividade do trabalho (Mandel 1985). Os capitais monopolistas buscam obter a superacumulação através de uma produtividade maior do trabalho e, com isso, obtêm uma produção no menor tempo possível, ou seja, em um tempo X produz mais mercadorias que a concorrência, para isso ocorre uma combinação de mais-valia relativa com a mais-valia absoluta.

A empresa capitalista monopolista tem que elevar a produtividade do trabalho acima da média para obter taxas de superlucro. A elevação técnica do trabalho pode ocorrer em duas vertentes, a primeira pelo incremento tecnológico e/ou uma organização do espaço produtivo mais eficiente, caso exemplar do *fordismo*, *toyotismo* e, hoje, as formas *uberizadas*. Soma-se a esse quadro de maior produtividade do trabalho a intensificação do trabalho, seja pela forma de remuneração, salário por peça, seja por métodos mais espúrios, como assédio moral, aumento da jornada de trabalho, premiações por metas obtidas etc., que é o núcleo central do desgaste da força de trabalho.

As determinações apontadas acima de forma muito sumária têm elementos universais do desenvolvimento capitalista. Agora será exposto elementos da particularidade histórica brasileira que nos auxiliam na compreensão da barbárie dos tempos atuais. A industrialização brasileira e da parte da América Latina deu-se através da política de substituição de importações, que tem o seguinte tripé: capital imperialista, estatais e o capital “nacional”. Essa tríade de formação do capitalismo dependente, baseado em duas pilstras principais: a superexploração do trabalho, e o subimperialismo. A superexploração do trabalho que também compreendia a expropriação do fundo de consumo dos trabalhadores. A reação a esse quadro aviltante pelos(as) trabalhadores(as) foram impedido visto que no Brasil a “Revolução Burguesa” forjou um Estado autocrático com uma contrarrevolução preventiva, inviabilizando a participação da força de trabalho em processos decisórios.

Demarcar as particularidades do capitalismo dependente é fundamental para nosso objeto de estudo, pois no Brasil a força de trabalho não é apenas explorada, é superexplorada. Segundo Marini (2006), a categoria da superexploração tem como característica remunerar a força de trabalho abaixo de seu valor ao mesmo tempo em que tende a ampliar a jornada de trabalho ou intensificá-la. A esse processo Ruy Mauro Marini denominou Superexploração do trabalho assim demonstrado pelo referido autor:

O aumento da força produtiva do trabalho, ao implicar um menor gasto de força física, é o que permite aumentar a intensidade; mas o aumento da intensidade choca-se com a possibilidade estender a jornada de trabalho e pressiona para reduzi-la. Inversamente, uma



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

menor produtividade limita a possibilidade de intensificar o ritmo de trabalho e aponta para a extensão da jornada. O fato de que, nos países altamente industrializados, a elevação simultânea de produtividade e de intensidade de trabalho não se tenham traduzido desde várias décadas na redução da jornada não invalida o que se disse. Apenas revela a incapacidade da classe operária para defender seus legítimos interesses, e se *traduz no esgotamento prematuro da força de trabalho expresso na redução progressiva da vida útil do trabalhador, assim como em transtornos psicofísicos provocados pelo excesso de fadiga*. Na mesma linha de raciocínio, as limitações sugeridas nos países dependentes para estender ao máximo a jornada de trabalho têm obrigado o capital a recorrer ao aumento da produtividade e intensidade de trabalho, com os efeitos conhecidos no grau de conservação e desenvolvimento desta (MARINI, 2009: 192 grifos nossos).

A categoria da superexploração desenvolvidas por Ruy Mauro Marini iluminam uma característica do Brasil e, segundo o autor, seguramente, a América Latina. Neste sentido, fica evidente que o processo de adoecimento da classe trabalhadora nos frigoríficos adoce e se acidenta como um processo social da operacionalização da lei do valor trabalho por isso a classe trabalhadora, que vende a sua força de trabalho, tende a aceitar as metas de produção altas, para ganhar formas de participação nos lucros e resultados ao mesmo tempo em que é obrigada a aceitar longas jornadas de trabalho, fazendo muitas horas extras como forma de compensar os salários baixos.

Confirmando as teses de Marini, da superexploração do trabalho se baseia também no prolongamento da jornada de trabalho. Ademais, como as empresas frigoríficas tiveram autorização dos governos municipais e estaduais para continuar produzindo durante o período de isolamento social, o ambiente de trabalho se torna um local privilegiado para contrair a Covid-19 e outras doenças ou sofrer acidentes de trabalho.

Esse cenário trágico para a classe trabalhadora, em meio a pandemia, para conseguir os meios de sobrevivência se arrisca contrair o COVID-19, além dos riscos inerentes a cada atividade. Além dos riscos à saúde soma-se os desafios para manter as conquistas de mais de um século de lutas, pelo direito a condições de reprodução da força de trabalho e a legislação de proteção à saúde do trabalhador vem se restringindo cada vez mais. E com o processo de mudança no Estado com o golpe de 2016, com a contra-reforma trabalhista de 2017 vem suprimindo o pacto de classe que foi constituído em torno da Constituição de 1988, em que a seguridade social e a CLT eram formas de organização de condições de reprodução da classe trabalhadora. O governo terceirizado de Michel Temer, e o governo liberal ao extremo de Bolsonaro implementaram a agenda do grande capital, do imperialismo e do agronegócio – este último mesclando a pauta reacionária do latifúndio –, impôs uma linha política que eleva ao



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

extremo a política neoliberal, reforçando o conservadorismo político e econômico e devastando as conquistas sociais e trabalhistas históricas (Antunes, 2019, p. 300).

IV CONCLUSÃO

A situação dos trabalhadores dos frigoríficos se alinha à tendência atual da sociedade capitalista em crise estrutural (Meszáros, 2011, p. 605). A queda da taxa de lucro, “imputa as personificações do capital” a buscar formas de aumentar os lucros por meio da recomposição orgânica do capital, seja no setor tradicional do capital, seja em setores de serviços, basta ser passível de produção de mais valor (Iamamoto, 2011, p. 73), além de aumentar a produtividade do trabalho, pela recomposição orgânica do capital, atualmente mescla-se formas de extração de mais valia absoluta e relativa. (Antunes 2020 p. 134).

O mundo do trabalho (estranhado) segundo Antunes 2020 p.24) se encontra em uma precarização estrutural, para dar um exemplo para além do trabalho nos frigoríficos o labor que trabalhadores e trabalhadoras de aplicativos exercem, são observados os traços da superexploração do trabalho em sua forma mais cristalina na atualidade, com o aumento da jornada de trabalho, em muitos casos excedem mais de 12 horas de trabalho diária e o pagamento abaixo da força de trabalho, em muitos aplicativos 25% do valor bruto fica para o App, e o/a trabalhador(a) arcando com todos outros custos.

A partir da eleição que elegeu Bolsonaro, o bloco no poder que o elegeu, passa a promover uma desertificação neoliberal ao extremo, buscando desregular todas formas de proteção social do trabalho. Observa-se, por exemplo, às tentativas de avançar na lei 13.476/2017 que versa sobre a (contra)reforma trabalhista, a qual aumenta a flexibilização do trabalho, a contra reforma trabalhista, a legislação para o trabalho durante a pandemia, que aprofunda a reforma de 2017 e retira mais direitos da classe trabalhadora neste período de pandemia com pretexto de enfrentar a crise econômica.

Referências.

ANTUNES, Ricardo. **O privilégio da Servidão: o novo proletariado de Serviço da era Digital**, Boitempo, São Paulo (2019).

_____ **Corona Vírus: O Trabalho sob fogo cruzado**, Boitempo, São Paulo 2020.

Dejours Christophe. **A Loucura do Trabalho: Estudo de Psicopatologia do Trabalho**: Cortez Editora São Paulo, 2013

FERNANDES F. **A Revolução Burguesa no Brasil: Ensaio de Interpretação Sociológica**. São Paulo: Globo, 2008.

ENGELS F. **A Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra**. Boitempo São Paulo, 2008



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

IAMAMOTO, M. V. & CARVALHO, R. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil**. São Paulo, Cortez, 1982.

IAMAMOTO, M. V. **Serviço Social em tempos de capital fetiche** São Paulo, Cortez, 2012.

INÁCIO, José R. **Sindicalismo e Ética: (re)ação, sanidade e trabalho**, Belo Horizonte MG Crisálida 2012.

LUKÁCS, György. *Para uma ontologia do Ser Social*. Vol.1. São Paulo: Boitempo (2012).

MANDEL, Ernest. *O Capitalismo Tardio*. São Paulo: Abril Cultural (1985).

MARINI, Rui M. Dialética da Dependência. In: Traspadini R. Stedile J. P. (orgs). *Rui Mauro Marini vida e obra*. São Paulo: Expressão Popular (2009).

MARX, Karl. **O Capital**- Crítica da Economia Política, livro I vol. 1/1 Bertrand Brasil, Rio de Janeiro (1998).

_____. **O Capital** vol. 3/6 Civilização Brasileira, Rio de Janeiro (1998).

MESZÁROS, István. **Para além do Capital**; uma teoria de transição, Boitempo São Paulo (2002).

REMIJO, Alcides. **A Situação da Classe Trabalhadora nos Frigoríficos de Barretos: o antagonismo da superexploração**. Dissertação de mestrado apresentado a pós graduação em Serviço Social da Universidade Federal de Santa Catarina (2013).

_____, LARA, Ricardo. Contradições do desenvolvimento capitalista brasileiro: agronegócio versus saúde dos trabalhadores nos frigoríficos de carnes. In: *Questão Agrária, Saúde do Trabalhador e os desafios para o século XXI*. Franca: Cultura Acadêmica (2012).